

FICHA TÉCNICA

Título original: *Surrender your Love*

Autora: *J. C. Reed*

Copyright © J. C. Reed, 2013

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Maria João Freire de Andrade*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha / Editorial Presença*

Paginação: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 378 235/14

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2014

Reservados todos os direitos
para Portugal e países africanos lusófonos à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO UM

Eu estava sentada ao balcão, a bebericar a minha segunda *margarita*. A minha saia travada pelo joelho roçou o banco alto ao lado do meu, enquanto os meus dedos tamborilavam sobre a minha coxa ao ritmo da música que saía das colunas invisíveis. Aquele não era o tipo de lugar que eu normalmente frequentava, mas o meu chefe mostrara-se inflexível e insistira para que eu me encontrasse com Mayfield no seu ambiente favorito. Por isso, acabei por aceitar, apesar de o ter feito com um certo receio, ao pensar em entrar num luxuoso clube para cavalheiros onde belas raparigas esvoaçavam de um lado para o outro em *lingerie* sofisticada, e a regra das duas bebidas de consumo mínimo já me custara mais do que as minhas compras semanais de supermercado.

A avaliar pelas inumeráveis luzes a piscar e soalhos de mármore polido, o lugar exsudava estilo e dinheiro. Apesar de ainda estar vazio, eu não tinha dúvidas que se iria encher dentro de pouco tempo e fazer com que o dono ganhasse uma fortuna. Uma rapariga atrevida que parecia pertencer à capa da revista *FHM* subiu um varão e, como forma de aquecimento, deixou-se cair numa esparagata enquanto o DJ anunciava qual o programa da noite aos poucos clientes vestidos com fatos feitos à medida. Suspirei impaciente, e afundei-me ainda mais na minha postura preguiçosa no luxuoso banco do bar, enquanto olhava para os sofás de cabedal macio e paredes espelhadas junto da entrada.

Mayfield estava atrasado. Na verdade, muito atrasado. Eu não gostava de atrasos, em particular quando já devia estar em casa a descomprimir com um copo de vinho, depois de um longo dia a aturar os tipos importantes da agência imobiliária. Aquele emprego tivera a intenção de ser temporário até conseguir arranjar um lugar numa agência como a Delaware & Ray, mas no que se refere a empregos temporários acabam sempre por ser becos sem saída. E dois anos depois, já tinha vinte e três anos e estava atolada no mesmo lugar, com excesso de trabalho e sem qualquer promoção à vista.

Talvez fosse a maneira como o indivíduo andava — cheio de confiança e petulância —, mas no momento em que o vi entrar no bar percebi que era do tipo que só me iria trazer chatices. Por isso afundei o olhar na minha bebida, evitando os olhos curiosos do desconhecido. Os pelos na minha nuca ergueram-se. Virei-me devagar, percebendo que ele estava parado atrás de mim. A sua respiração quente roçou a pele delicada da minha face, enquanto ele se inclinava sobre o meu ombro para me sussurrar ao ouvido:

— Você sobressai como um polegar dorido. Não tenho a certeza se isso é algo bom ou mau.

A sua voz era baixa e rouca. Abrasadora.

Voz de cama... As palavras ecoaram algures no fundo da minha mente.

O coração saltou-me para a boca, o que atribuí ao facto de não gostar de desconhecidos inclinados sobre mim. Em especial, aqueles com uma voz forte, profunda e sensual, com uma ligeiríssima pronúncia do sul. Debatendo-me com a vontade de saltar do banco do bar e colocar uma distância muito necessária entre ambos, endireitei as costas e virei-me de frente para ele, pronta para responder com uma observação cortante.

Mas, raios!

Ele era deslumbrantemente atraente. Esqueçam o atraente. Ele era belo. Completa, total, formidavelmente belo. Numa escala de um para dez, ele era um cem.

Durante alguns segundos, limitei-me a olhar para ele enquanto a minha barriga se retorcia em nós e a minha pulsação acelerava. O tipo era bom e, a julgar pelo seu sorriso malicioso, não era

definitivamente o género de homem que levamos a casa para apresentar aos nossos pais. Era alto, pelo menos uma cabeça mais alto que eu. Talvez com um metro e oitenta e oito. O seu cabelo escuro e molhado era um bocado comprido de mais, e estava despenteado — como se tivesse passado as mãos por ele. O seu casaco, agora húmido devido à chuva que durante os últimos três dias caía como uma enxurrada na baixa de Nova Iorque, não conseguia esconder os seus ombros largos e constituição musculosa, nem a sua postura insolente. Sob a luz fraca do bar, os seus olhos elétricos cintilavam como esmeraldas.

Eu nunca vira olhos como os dele. Verde-escuros. Incandescentes. Prontos para despir uma mulher com um único olhar. Eu já me sentia nua, apesar das várias camadas de roupa. O seu olhar desceu apreciador pela parte da frente da minha camisa, e demorou-se nas minhas pernas mais tempo do que o exigido pela boa educação. Senti um formigueiro na pele causado pelos seus olhos. Enfie uma madeixa perdida de cabelo encaracolado atrás da orelha e humedeci os lábios, subitamente secos. O efeito que ele produzira em mim era simultaneamente enervante e excitante. Cruzei os braços em cima do peito, e mordi o lábio inferior para recuperar a voz. Ele olhou-me de sobrancelhas erguidas e com uma expressão divertida, como se soubesse o que um simples olhar daqueles olhos me fizera. Mas não foi a sua arrogância óbvia que me deixou de imediato zangada. Foi a maneira como os seus dedos abertos se demoravam intimamente no fundo das minhas costas, como se já tivessem acariciado anteriormente aquele lugar. Como se pertencessem ali.

— Porque é que diz uma coisa dessas? Porque não estou a usar um fio dental reduzido e saltos agulha, e as minhas mamas não estão a saltar de um sutiã de leopardo? — perguntei, por entre dentes cerrados, ignorando o aperto delicioso que se acumulava algures na minha barriga.

— Jett Townsend. — Os seus lábios contraíram-se. — O Mayfield não pôde vir, por isso terá de se contentar comigo. Mas não se preocupe, vamo-nos dar bem.

A pele à volta dos seus olhos deslumbrantes enrugou-se, e os seus lábios ergueram-se num sorriso, o que fez aparecerem

umas covinhas perfeitas. Porque é que fiquei com a sensação que havia um duplo sentido nas suas palavras?

— Brooke Stewart — respondi.

Os meus olhos demoraram-se na sua camisa azul-clara e calças de ganga desbotadas com uma bainha desfiada que roçava as suas botas de *cowboy*, e não consegui evitar a vontade de rir que se começou a formar na parte detrás da minha garganta.

— Vinho? — perguntei, preparada para o pedir.

— Preferia um *Sex on the Beach*.

Ele piscou-me o olho com um sorriso diabólico. Calculei que as suas palavras podiam ser interpretadas de duas maneiras, mas a avaliar pelo seu sorriso atiradiço duvidei que ele se estivesse a referir ao *cocktail*. Uma vaga de calor começou a atravessar-me, ao visualizar a imagem indesejada de nós os dois a fazermos sexo na areia e dentro de água. A minha pele eriçou-se por causa da atração magnética entre ambos.

Mas que raio?

Desviei o meu olhar dele, na esperança de que aquela atração instantânea não passasse de um produto da minha imaginação.

— Então, Brooke, conte-me tudo a seu respeito.

Ele inclinou-se para a frente, lançando-me um sorriso deslumbrante.

Respirei fundo, sentindo-me repentinamente furiosa. Como é que ele se atrevia a tratar-me pelo meu primeiro nome? E, ainda mais importante, como é que se atrevia a parecer tão amaldiçoadamente *sexy* a fazê-lo?

— Posso recordar-lhe que isto é uma reunião de negócios, e não um encontro?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Quer que seja um encontro?

— O quê? — Corei, e o meu coração começou a bater com uma intensidade um pouco maior. — Não foi isso que quis dizer. Eu...

Os seus olhos cintilaram, bem-humorados.

— Aparentemente, você gosta do que vê e eu também. Por isso... — Ele encolheu os ombros e interrompeu-se, deixando o resto à minha imaginação.

Eu odiava tipos atraentes, em especial aqueles que sabiam o quanto o eram.

— Confie em mim, não há nada que eu não tenha visto antes.

A minha mentira soava ridícula, e ele sabia-o. Percebi-o pelo sorriso irritante, confiante e no entanto belíssimo que ele exibia.

Senti-me furiosa.

Aquilo era suposto ser uma tentativa inicial para descobrir se as nossas duas agências estariam preparadas para estabelecer uma eventual sociedade. O facto de a Mayfield Realities enviar alguém que nem sequer se sabia vestir para a ocasião era risível. Porque é que o Mayfield queria ser representado por alguém a quem faltava claramente qualquer conhecimento daquilo que é aceitável, quando se lida com um potencial sócio? Ou talvez o Mayfield não valorizasse a nossa cooperação, e aquela fosse a sua maneira de me dizer «Vá bugiar». De qualquer maneira, eu não estava satisfeita e não tinha qualquer intenção de fazer segredo da minha insatisfação. Mayfield era conhecido como sendo um verdadeiro filho da mãe. Também era conhecido como alguém que não aceitava merdas de ninguém. Se eu queria singrar naquele mundo de negócios implacável e dominado por homens, eu teria de espelhar as suas táticas, ou desistir de uma carreira que já não ia a lado nenhum.

— Olhe, agradeço que tenha vindo, senhor Townsend, mas preferiria falar pelo menos com um vice-presidente regional. Diga, por favor, ao senhor Mayfield para me ligar, assim que esteja preparado para marcar uma nova reunião. Tenha uma boa-noite.

Tirei a minha mala e o meu casaco de cima do balcão polido, saltei do banco e dirigi-me para a saída quando dedos fortes se enrolaram à volta do meu braço. Gelei.

— Não se esqueça do seu guarda-chuva. Não queremos que essa cara bonita fique ensopada — sussurrou-me Townsend ao ouvido, fazendo com que uma corrente elétrica me percorresse o corpo.

O que é que se passava com aquele homem e os sussurros? Será que não se podia limitar a falar como uma pessoa normal? Virei-me cegamente, e arranquei-lhe o guarda-chuva da mão. Sem olhar para trás marchei para fora do bar, mantendo a cabeça erguida. Só quando cheguei ao parque de estacionamento,

situado a uns seis metros da entrada principal do bar, é que parei e soltei por fim uma exalação prolongada.

O ar noturno tinha arrefecido. Contorci-me para dentro do casaco, e destranquei a porta do meu *Volvo*. Era uma lata velha, mas fora um presente de licenciatura do meu padrasto, por isso adorava-o. Apesar de ser uma chatice conduzir na cidade, preferia guiar a ficar enfiada dentro de um táxi com um motorista em quem não podia confiar.

Meti a primeira e saí do parque de estacionamento. O meu olhar passou pelo desconhecido que surgira na entrada do bar e que me observara por instantes, enquanto eu passava.

Ter-me-ia ele seguido até à rua? A minha pulsação acelerou, mas não parei. Sem mais, pressionei o acelerador e o carro saltou para a frente. O motor soltou um protesto esganiçado, mas não me importei. Qualquer que fossem os negócios do Townsend, eu decidira que ele era sinistro e não tinha qualquer intenção de o voltar a ver. Eu não era definitivamente o tipo de mulher que alguma vez iria sucumbir a um corpo rijo, e a covinhas pelas quais se poderia morrer.

Em menos de uma hora, cheguei ao meu minúsculo apartamento em Brooklyn Heights, e estacionei o carro em frente do prédio de cinco andares que era o meu lar desde que me licenciara há dois anos. A rua estava húmida e deserta. O candeeiro de iluminação pública em frente do prédio lançava um brilho dourado sobre a porta de aço, que conduzia a um corredor estreito com um átrio. Estando atenta às grandes poças de água, pesquei as chaves para fora da mala e entrei; de seguida, apanhei o elevador até ao quinto andar.

A minha companheira de casa e melhor amiga, Sylvie, não estava em casa. Desde que conseguira o emprego em investimentos dos seus sonhos, era raro chegar a casa antes da meia-noite. Eu aprendera a pôr cento e dez por cento em tudo que fazia, mas a Sylvie levava o conceito de trabalho árduo a um nível completamente diferente. Chegara ao ponto de sacrificar os seus passatempos, amizades e saúde, fazendo horas extraordinárias e não remuneradas numa tentativa de obter reconhecimento por todo o

seu esforço extra. Até àquele momento, quaisquer tentativas que eu iniciara para a fazer perceber o quão pouco saudável era o seu nível de stresse fora em vão, mas eu não ia desistir.

Deixei cair o guarda-chuva no porta guarda-chuvas de latão e a minha mala e casaco em cima da velha mesa do corredor, descalcei-me com um pontapé e dirigi-me à cozinha para me servir de um copo de vinho bem merecido. Estava a meio do meu segundo copo quando a chave girou na fechadura e a cabeça loira da Sylvie surgiu no meu campo visual.

— Que surpresa! — Sentei-me e aponte para o meu copo. — Queres um?

— É melhor trazeres a garrafa.

Ela deixou-se cair no sofá ao meu lado, e levantou as pernas compridas. Observei-a desde a sua saia às riscas que lhe chegava mesmo acima dos joelhos, até ao rosto e cabelo loiro e húmido. Havia qualquer coisa de diferente. Tinha o rímel borrado. A pele debaixo dos olhos azuis estava inchada e vermelha como se tivesse estado a chorar, o que era impossível. A Sylvie não era do tipo de chorar. Ao longo de todos os anos em que tínhamos sido melhores amigas, nunca a vi derramar uma lágrima. Ela nunca pareceu nada menos do que perfeita e feliz.

Sentei-me, sentindo de imediato que havia qualquer coisa de errado.

— O que é que aconteceu?

— Fui despedida.

— O quê?

Ela tirou-me o copo das mãos, e bebeu o seu conteúdo numa grande golada.

— Puseram-me na rua. Disseram qualquer coisa a respeito de não precisarem de mais nenhuma estagiária. Blá, blá, blá. — Revirou os olhos. — Como queiram.

— Oh, raios. — Abanei a cabeça, sem querer acreditar. — Mas trabalhaste tão arduamente.

— Eu sei, certo? Mas sabes uma coisa? Estou bem. *C'est la vie*. Temos de avançar. — Levantou-se de um salto, e um sorriso espalhou-se-lhe pelos lábios. — Vamos apanhar uma bebedeira.

Semicerrei os olhos. Havia qualquer coisa na maneira como ela evitara olhar para mim, que me fez ficar desconfiada.

— Espera! — Agarrei-a pelo braço, e voltei a puxá-la para o sofá. — Não me estás a contar tudo.

Ela voltou a revirar os olhos.

— Desembucha — disse-lhe.

Ela pressionou os lábios numa linha estreita.

— Sylvie — incitei-a.

— Ótimo. Dormi com o patrão.

A minha boca escancarou-se.

— Não.

Ela assentiu.

— Sim. A sua assistente pessoal, que é amiguinha da mulher dele, começou a desconfiar. Por isso, o filho da mãe começou a ficar enervado e decidiu livrar-se de mim.

— E isso é legal?

Seria?

A Sylvie encolheu os ombros.

— Provavelmente não, mas é um mundo pequeno, e eu preciso desta referência se alguma vez quiser voltar a trabalhar num banco.

— O filho da mãe — repeti as suas palavras.

A Sylvie era a pessoa mais inteligente que eu alguma vez conhecera. Tinha-se licenciado como a primeira da sua turma, e qualquer empresa sentir-se-ia feliz por a contratar.

— Vais encontrar outra coisa num instante.

Eu não tinha dúvidas quanto a isso.

Ela sorriu afetadamente.

— Iá, só que da próxima vez lembra-me para não comer o patrão, por mais atraente que ele seja. És uma sortuda por teres o Sean. Pelo menos, ele não é casado e não mente, dizendo que não dorme na mesma cama com a mulher há pelo menos dois anos. Fala-me de lugares-comuns.

Envolvi a Sylvie nos braços, e ela encostou a cabeça ao meu ombro como fazia sempre quando uma relação se tornava amarga. E acabavam sempre por se tornar, quer nós o quiséssemos quer não.

— Sabes, o Sean não é perfeito. E eu não quero compromissos — respondi.

— Pelo menos, é honesto. Isso é mais do que se pode dizer em relação à maior parte dos homens, que andam por aí.

Chamem-me romântica, mas não concordava com a Sylvie no que se referia àquilo. Decerto que nem todos os homens eram mentirosos, ou tinham medo de compromissos. Revirei os olhos ao pensar no homem que todos pareciam pensar ser um bom partido. Sean — o namorado que não estava pronto para se comprometer, tal como eu não o estava, pelos meus próprios motivos. Ele era atraente, bem-sucedido e o tipo com quem eu andava há quase um ano, embora eu soubesse que era uma relação sem futuro que podia terminar num instante. Se chamássemos à sua atitude «Vamo-nos encontrar de vez em quando» uma relação, então isso era praticamente tudo que tínhamos: uma espécie de amigos coloridos.

Pouco tinha de amigo, era mais um companheiro sexual.

Tínhamo-nos conhecido quando, numa noite de bebedeira, a Sylvie deixara a sua mala num bar. O Sean encontrara-a e, quando ele apareceu à nossa porta, ela é que lhe devia ter agradecido por não lhe ter roubado o dinheiro e deitado o seu bilhete de identidade no caixote de lixo mais próximo. No entanto, a Sylvie estava a vomitar na casa de banho há quase uma hora... Por isso, o Sean encontrou-se comigo. Demo-nos logo bem, e na realidade pensei que ele podia ser material para uma relação a longo prazo. Acabei por descobrir que até o simples facto de planejar um fim de semana, era um compromisso demasiado grande para ele. Não me conseguia lembrar da última vez em que tivéramos um encontro romântico. Na verdade, nem me conseguia lembrar de alguma vez ter planeado qualquer tipo de evento que não envolvesse uma noite de bebedeira com os nossos amigos.

Desde o início que o Sean deixara bem claro que não tínhamos a exclusividade um do outro, e por mim estava ótimo porque ele me fazia sentir confortável. Perto dele, sentia-me como se pudesse ser eu mesma. Quando conversávamos o tempo parecia voar, e acabávamos por passar toda a noite a falar. Ok, então não era um amor de dedos dos pés enrolados, formigueiros e uma

sensação quente na barriga, mas na verdade seria que essas coisas existiam fora dos romances da Barbara Cartland?

— De qualquer maneira — continuou a Sylvie, arrancando-me dos meus pensamentos —, que tal correu a tua reunião com aquele indivíduo?

— Mayfield — disse, para lhe refrescar a memória.

— Mayfield — repetiu ela.

— Nem me faças falar. — Abanei uma mão, decidindo evitar aquela conversa em particular. — Ele nem sequer apareceu.

— Parece que precisamos ambas de uma bebida.

A Sylvie levantou-se de um salto, e puxou-me para cima com ela. Hesitei. Ela agora até podia estar desempregada, mas eu ainda tinha um emprego. Embora fosse divertido andar pelos bares de Nova Iorque, a bebericar *margaritas* até à meia-noite, eu não tinha o cartão *Visa Platinum* da Sylvie — cortesia do seu pai — para pagar as minhas contas. Tinha de me levantar de manhã cedo e ir trabalhar.

— Vamos, querida. — Sabendo que me iria fazer rir, ela falou num sotaque inglês artificial que apanhara numa das suas férias com a família. — Vamos esquecer este maldito dia. — Os meus lábios contorceam-se. — Voltamos num instante.

O que no dicionário pessoal da Sylvie era o equivalente a uma noite de bebedeira. Mas ela era a minha melhor amiga; ela precisava de mim. Ela teria feito o mesmo por mim. Claro que a minha determinação em não sair não tinha a menor importância.

Revirando os olhos, abanei a cabeça e segui-a porta fora. O ar frio da noite lançou-me o cabelo contra a pele. Por sorte o nosso bar favorito ficava mesmo na esquina, por isso não tivemos de enfrentar o frio durante muito tempo antes de nos instalarmos no nosso reservado habitual, cercadas pelos inumeráveis admiradores da Sylvie e alguns *shots* de *tequila* com lima.

Um som estridente e penetrante acordou-me demasiado cedo. Resmunguei e tapei as orelhas com a almofada, suplicando silenciosamente a quem quer que estivesse a fazer um ruído tão demoníaco que acabasse com ele. Demorei um momento a perceber que era o meu despertador. Rolei para um lado e, ao fazê-lo, atirei-o ao

chão. Uma voz masculina soltou uma risadinha divertida. Sentei-me, imediatamente desperta. O meu olhar pousou no indivíduo deitado no lado esquerdo da minha cama, e senti o calor revelador de um rubor intenso a subir-me ao rosto. Ele estava soerguido sobre um cotovelo, um braço enfiado debaixo da cabeça; o seu peito cinzelado, de pelos escuros que lhe desciam até ao abdómen, estava completamente nu. O lençol que tapava a sua modéstia não deixava nada à imaginação. De facto, apenas conseguiu fazer remexer um impulso indesejável entre as minhas pernas. Para além de ser espantosamente atraente, também era bem dotado. Uma combinação estimulante, e no entanto perigosa, num homem. A minha língua passou por cima dos meus lábios subitamente secos, enquanto desviava os olhos da saliência evidente por baixo do lençol fino.

O que é que ele estava a fazer na minha cama? E porque é que estava nu?

O que é que achas, estúpida? Não é preciso ser-se um génio para se perceber isso. Bastava olhar para o seu sorriso convencido.

Olhei-lhe para o rosto. Sob a luz forte da manhã que incidia nele através da janela, parecia mais novo do que na noite anterior, mas igualmente arrogante. Os seus lábios lindíssimos enrolavam-se no sorriso mais deslumbrante que eu alguma vez vira. Um sorriso de fazer baixar cuequinhas, como a Sylvie lhe teria chamado. Empalideci ao pensar nisso. Será que eu baixara as minhas cuequinhas para ele?

Ele olhou-me com uma expressão ligeiramente divertida nos olhos ardentes — da cor de musgo escuro, cobertos por uma camada fina de neblina opala. Pela maneira como olhou para mim, senti-me como se ele conseguisse atravessar o meu corpo com os olhos e olhar diretamente para a minha alma. Nunca ninguém me fizera sentir assim. Mas, de novo, eu nunca conhecera ninguém tão eletricamente bem-parecido, embora haja uma primeira vez para tudo.

— Estás pronta para a segunda volta? — A sua voz baixou-se com a insinuação.

Eu já ouvira aquela voz rouca anteriormente, mas onde? O meu cérebro esforçou-se por fazer uma associação, por entre a neblina causada pelo álcool que enublava o meu sistema de recuperação de memória. E depois lembrei-me.

— Você estava no The Black Rose. Eu devia ter-me encontrado com o Mayfield, mas em vez disso ele mandou-o a si.

O sorriso dele alargou-se, revelando duas fiadas de dentes regulares, brancos como pérolas.

Dentes belos e fortes que mordiscaram o meu pescoço, e roçaram a pele sensível das minhas coxas.

Uau, de onde é que aquilo viera? Abanei ligeiramente a cabeça e tentei agarrar-me à recordação em frente dos meus olhos, mas aquela já tinha desaparecido.

— Nós...? — Apontei para o seu peito nu.

O meu coração parou de bater por um instante enquanto esperava pela sua garantia de que tudo aquilo não passara de um mal-entendido, que eu não mocara um desconhecido, porque encontros de uma noite não eram o meu tipo de coisa. Além disso, eu estava numa relação, apesar de ser uma relação aberta, e traições também não eram o meu tipo de coisa. Não me estava a transformar na Sylvie, pois não? E provavelmente não era assim tão estúpida para ter fodido o fulano.

O Tipo Mistério abriu a boca para dizer qualquer coisa, voltou a fechá-la e nesse momento percebi.

Eu era vulgar, e não apenas porque nem sequer me conseguia lembrar do seu nome.

— Oh, céus.

Saltei da cama, percebendo vagamente que não tinha nada vestido, nem sequer as minhas cuecas — provavelmente cortesia do sorriso de fazer baixar cuequinhas. Mortificada, puxei-lhe o lençol e tapei o meu corpo nu, depois apanhei aquilo que pensei serem as suas calças de ganga do monte de roupa espalhada pelo chão, e atirei-as ao Tipo Mistério. Ele apanhou-as no ar, mas não se apressou a vesti-las. Bem, era óbvio que se sentia confortável a exhibir as suas partes privadas. Que bom para ele.

Encolhi-me, e silvei:

— Saia.

Ele pestanejou e franziu a testa, como se não estivesse habituado a que alguém lhe falasse naquele tom. Teria eu vislumbrado um indício de decepção nos seus olhos? Abanei a cabeça, por causa dos

meus pensamentos confusos. Porque é que ele se sentiria assim, se nem sequer me conhecia? E depois aquela expressão desapareceu, e o seu olhar ardente tornou-se gélido. O coração afundou-se-me no peito.

Virei-lhe as costas, e disse por cima do ombro:

— Encontrou o seu caminho de entrada, por isso estou certa que será capaz de encontrar o caminho da saída.

Corri para fora do quarto e dirigi-me para a segurança da cozinha, deparando-me de imediato com a Sylvie que fervia o nosso café matinal.

— Há alguém que esteja a fazer a sua caminhada da vergonha?

— Ela apontou para as minhas faces coradas.

Olhei para o seu rosto maquilhado e para o seu cabelo perfeito. A sério, como é que ela podia parecer ter estado num *spa* a fazer um tratamento de beleza depois de uma longa noite de muitas bebidas e vômitos, sobre a pequena faixa relvada no exterior do nosso prédio?

Sylvie estendeu-me a sua caneca de café.

— Olha, bebe isto. Precisas mais do que eu.

— Obrigada. — Bebi uma golada e queimei a língua ao fazê-lo. A picada aguçada da dor concedeu-me uma distração bem-vinda à questão com que me debatia. Porque é que eu trouxera um homem para casa?

— Ele ainda cá está? — sussurrou a Sylvie, num tom conspiratório.

Quase cuspi a golada seguinte.

— Tu sabes?

Ela assentiu.

— Não fizeste exatamente segredo de queres ir para a cama com ele.

Mas, que raio é que eu tinha feito? Ter-me-ia despido e feito uma *lap dance*? A Sylvie dissera-o de uma maneira, que parecia que eu agira como se estivesse faminta por sexo. Não era de admirar que o tipo tivesse ficado desiludido por não ter conseguido uma rapidinha matinal.

— És a minha melhor amiga. Devias ter-me travado!

Estava furiosa com ela, comigo, com o Tipo Bonzão e Arrogante de Tronco Nu, por ter aceitado os meus avanços obviamente embriagados. Mas mesmo enquanto fervilhava, eu sabia que ele era o menos culpado. Que indivíduo é que diria que «não» a uma fêmea prestável, de moral dúbia?

— Eu estava bêbada — sussurrou a Sylvie, como se aquilo explicasse tudo.

Passos pesados trovejaram ao longo do corredor estreito, e pararam na soleira da porta. Contendo a respiração, afundi o olhar no café, e desejei que ele me engolissem para não ter de enfrentar a vergonha dos meus atos.

— Bom dia, senhoras — disse o Tipo Mistério.

— Quer café? — A Sylvie aproximou-se dele e serviu-lhe café, ignorando o meu olhar venenoso.

Mas, que raio?

Será que agora ele ia ficar para beber uma caneca de café? Será que não tinha percebido a mensagem?

— À vossa.

Ele bebeu um gole e suspirou ligeiramente. Maldição! Porque é que parecia tão *sexy*, até a fazer coisas normais como beber café? As minhas faces começaram a arder enquanto o meu olhar percorria o seu peito forte, a minha mente a conjurar imagens dele em cima de mim. Seria aquilo uma tentativa do meu cérebro para recordar aquilo que tínhamos feito, ou apenas uma fantasia?

— Onde é que arranjaste um gajo tão bom? Tenho tanta inveja, e sinto-me tão orgulhosa de ti — sussurrou a Sylvie, sem se ralar nada com o facto de a minha conquista poder ouvir todas as suas palavras.

Os olhos de Sylvie passaram apreciadores sobre o seu corpo, o seu olhar de raio-X possivelmente a despi-lo naquele instante. Embora, regra geral, eu não me importasse com a sua lascívia, por algum motivo inexplicável aquilo incomodou-me. Os seus lábios enrolaram-se num sorriso malicioso, e ela começou a brincar com uma madeixa dourada de cabelo. Não teria ficado surpreendida se a visse colada à perna dele, a babar-se.

— Para com isso. — Acotovelei-a, não se fosse dar o caso de ela já não me conseguir ouvir no seu estupor induzido pela lascívia.

Ela encolheu os ombros e recuou um passo, mas não deixou de o olhar lascivamente.

— Algum plano para o dia de hoje? — perguntou o Tipo Mistério.

A cozinha permaneceu silenciosa, até eu perceber que ele estava a falar comigo. Ergui os olhos do chão na direção do seu olhar insuportavelmente verde, e desejei de imediato não o ter feito. Ninguém possuía olhos como aqueles — verdes como o pecado, mas nunca o pecado parecera tão tentador. Engoli em seco, e implorei ao meu coração para abrandar antes que me irrompesse para fora do peito. Seria aquilo um convite para passar o dia com ele? Não devia ser. O tipo conseguira a sua queca de uma noite. Não é esse o sonho de todos os homens: sexo sem compromisso? Então porque é que estaria interessado em continuar a ver as minhas cuequinhas... a não ser que as ditas merecessem uma segunda tentativa?

O meu sangue começou a ferver, por causa da maneira como ele me sorriu afetadamente: com uma expressão autoconfiante. Então ele gostara do jantar, e pensara que podia ficar para mais uma dose. Para ver que mais é que a minha loja baixa tinha para oferecer naquele dia. Bem, boas notícias: estava fechada. Ele não ia conseguir mais nada, mesmo que todo o meu corpo gritasse por isso, e eu iria ver onde é que aquele caminho feliz me iria conduzir.

— Tenho planos. Planos muito importantes. — Endireitei as costas e sustive o seu olhar intenso, pronta para o olhar de cima a baixo.

Ele franziu as sobrancelhas. Os seus olhos flamejaram de desafio e determinação.

— Então, cancele-os — disse ele, naquele seu tom de voz rouco.

Suprimi uma risadinha trocista, e cruzei os braços em cima do peito. A sério, quem é que ele pensava que era? Talvez a maior parte das mulheres tropeçasse sobre os próprios pés para passar o dia com ele, mas eu não era uma delas.

— Isso não vai acontecer.

— Está a armar-se em difícil? — Ele exibiu o seu sorriso *sexy*, cheio de covinhas. — Ontem à noite, não se portou assim.

Eu tinha as faces em chamas. Desejei tornar-me invisível e desaparecer da superfície da Terra. Então talvez fosse capaz de viver com a vergonha e humilhação, que me queimavam. Talvez.

— Agarre nas suas coisas, e ponha-se na rua.

Apontei para a porta. Ele não se mexeu, por isso agarrei-lhe no braço e empurrei com força. O seu bíceps saliente tornou-se tenso debaixo do tecido fino da camisa, mas ele não se mexeu do sítio onde estava.

Respirei fundo e soltei lentamente uma exalação, enquanto pensava no que dizer.

— Olhe, o que quer que tenha acontecido ontem à noite, não vai voltar a acontecer.

— Porque não? — Ele riu-se. — Pensei que queria... mais.

Uma punhalada aguçada e ardente de mortificação atravessou-me. No meu quarto, enquanto nos estávamos a divertir, será que eu lhe dissera que queria mais?

Oh, céus.

O meu coração começou a bater com mais força dentro do peito enquanto ele me olhava de cima a baixo, gozando cada momento daquilo a que eu poderia chamar a maior humilhação da minha vida.

— Porque não o repetimos? — disse ele, num tom provocador.

Apertei as mãos até fazer punhos, e estremeci devido ao cintilar divertido do seu olhar.

— Porque foi um erro. Era suposto termos uma reunião de negócios, não fazermos sexo um com o outro — silvei-lhe, espetando um dedo no seu peito forte. O facto de ele não ter tido qualquer tipo de reação deixou-me ainda mais furiosa. — Você foi um erro de embriaguez que eu nunca repetiria num estado de sobriedade, por isso agora pode fazer o favor de sair.

Por algum motivo inexplicável, arrependi-me das minhas palavras assim que as proferi, mas agora era impossível voltar atrás. Ele era um indivíduo diabolicamente *sexy*, com um rosto belo e o corpo de um deus, mas eu não podia fingir não saber que no que se refere a tipos bonzões, tentar uma mulher para ir para a cama não passa para eles de um jogo. Um jogo para confirmar o seu nível

de sensualidade. A avaliar pelo sorriso indolente nos seus lábios, aposto que ele não podia estar mais de acordo comigo. Assim, por mais que eu me sentisse atraída por ele, o tipo era desaconselhável para meu próprio bem.

A isso chama-se amor-próprio.

Do qual eu não mostrara ter muito na noite anterior.

O indivíduo era um jogador, que apenas me traria sarilhos. Eu soubera disso no momento em que ele entrara no The Black Rose e, como habitual, a minha intuição não falhara. Engolindo o meu orgulho, passei por ele furiosa, sem ser capaz de ignorar o cintilar de interesse divertido nos seus olhos.